L & S Cadernos
Cadernos de Linguagem e Sociedade
Qualis A2 - eISSN 2179-4790 ISSN 0104-9712

RESENHA

SANTAELLA, Lucia. *Semiótica aplicada*. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2018. E-BOOK. ISBN 9788522126989.

Resenhado por Telma Rubiane Rodrigues de Melo[1]
Universidade Estadual de Campinas

Recebido em: agosto de 2021
Aceito em: junho de 2022
DOI: 10.26512/les.v23i1.39560

Maria Lúcia Santaella é uma pesquisadora da CNPQ na área de semiótica, e atualmente exerce a função de professora titular na PUC-SP, bem como de Coordenadora da Pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, e do Centro de Estudos Peirceanos, na mesma instituição. É reconhecida como uma das maiores conhecedoras da semiótica de Charles Sanders Peirce (1839-1914) no país, e tem mais de 40 livros publicados.

A obra Semiótica aplicada (2018) traz os fundamentos da semiótica peirceana e sua aplicação, e tem por objetivo contribuir para que ela seja utilizada como arcabouço para a investigação do mais amplo espectro de objetos. O livro digital está dividido em 13 capítulos, sendo que no primeiro são apresentadas as bases teóricas da semiótica, e no segundo as etapas do estudo dos objetos analisados. Os demais capítulos são especificamente de análise, e estão distribuídos em três partes, de acordo com o nível de complexidade da investigação.

No capítulo 1, Santaella explica que a semiótica contribui para a compreensão do mundo, uma vez que tudo se organiza enquanto signo, inclusive o pensamento, e a quantidade de signos tem se ampliado cada vez mais, principalmente com o advento da internet, como parte intrínseca à evolução humana. Tendo como origem a Fenomenologia, a ciência que investiga como se dá a

[1] Mestre em Linguística Aplicada pela Unicamp. Doutoranda na Faculdade de Educação da Unicamp, pelo grupo de pesquisa ALLE-AULA. E-mail: telminhademelo@gmail.com.

compreensão de qualquer fenômeno, a semiótica, também chamada de lógica, compõe a tríade das ciências normativas, junto com a estética (que determina o ideal) e a ética (que conduz ao ideal), as quais têm como função estudar normas, ideais e valores. Nesse contexto, a semiótica englobaria os meios para alcançar o ideal.

Segundo Santaella, signo é tudo que é passível de interpretação; objeto, é o que dá origem ao signo, enquanto interpretante é o efeito produzido por ele. Já o fundamento do signo é sua propriedade de representar algo que está fora dele. No caso de um filme baseado em uma obra literária, por exemplo, o objeto seria o livro; o signo, o filme, enquanto o interpretante seria o efeito provocado no espectador. Os signos podem ser analisados a partir de três frentes teóricas: a da significação (relação do signo consigo mesmo), a da objetivação (relação do fundamento com o objeto) e a da interpretação (relação do fundamento com o interpretante).

Os objetos podem se dividir em imediato, que é a representação de um objeto, como a foto de uma árvore, por exemplo, ou dinâmico, que é o objeto em si, a árvore. O objeto imediato, por sua vez, pode dar origem a três tipos de signo: qualissigno, sinsigno e legisigno. Quando o signo funciona como uma qualidade, é chamado de qualissigno; quando a própria existência dele é que o determina enquanto signo, é chamado de sinsigno; quando possui caráter de lei ou norma, é classificado como legisigno.

Já os objetos dinâmicos se classificam em possível (signo abstrativo/ imediato descritivo), ocorrência (signo concretivo/ imediato designativo) e necessitante (signo coletivo/ imediato copulante). Quanto ao interpretante, ele pode ser imediato (interno ao signo); dinâmico (efeito singular que o signo produz em um intérprete em particular); ou final (interpretação esperada enquanto hipótese).

No que tange à relação entre signo e objeto, podem existir três tipos de signo, a saber: se essa relação se dá por intermédio de uma qualidade ou característica, temos um ícone; caso se dê pela sua própria existência, temos um índice; se for por via de uma norma ou lei, temos um símbolo. Para ilustrar, a cor azul-céu (azul-clara), por exemplo, é um ícone porque é um qualissigno que só se remete ao seu objeto, o céu, por similaridade. A fotografia de uma montanha, por outro lado, é um índice, pelo seu poder de representar um objeto em específico. Já o símbolo pode ser, por exemplo, a bandeira de um país, que é fruto de uma convenção, ou seja, uma norma.

No capítulo 2, a autora apresenta as etapas de uma análise semiótica, dando ênfase à importância de que o observador se mantenha aberto ao signo, para não recair em leituras superficiais ou de senso comum. Santaella orienta que a análise deve partir sempre da contemplação do signo, seguir para sua observação e só depois sua generalização, de acordo com as categorias fenomenológicas de primeiridade, secundidade e terceiridade. A primeiridade diz respeito aos

sentimentos, ao acaso, à possibilidade. Já a secundidade engloba as relações de dependência e relações duais, como ação e reação. A terceiridade, por sua vez, traz aquilo que é geral, bem como a ideia de continuidade e inteligência.

Tendo como base essas explicações, e o esclarecimento de que durante uma análise semiótica o investigador ocupa o nível dinâmico, a autora passa às análises. A primeira parte tem nível de dificuldade básica e vai do capítulo três ao capítulo sete, sendo composto pelo estudo do design de embalagens da marca de produtos de uso doméstico Poliflor, da campanha publicitária de reposicionamento da marca de produtos de cabelo Seda, e da campanha de lançamento de produtos diet, light e zero da marca de refrigerantes e bebidas Coca-Cola.

Na análise sobre os produtos da Poliflor, por exemplo, é feita a comparação do design e rótulo de três embalagens diferentes de cera líquida, a fim de escolher qual consegue produzir a mensagem desejada pelo fabricante, que é de brilho e praticidade. No estudo, a autora investiga cor, linha, sinais convencionais, logomarca, sinestesia, relação entre palavra e imagem e seu poder apelativo, encontrando signos ícones, como "brilho", signos índices, como o ambiente onde o produto pode ser utilizado, e signos símbolos, como a "linha do horizonte" para indicar que o produto é inovador.

A segunda parte, de nível mediano, inclui do capítulo oito ao dez, e nele a autora traz análises de objetos mais complexos, como da obra de arte Interior Vermelho, natureza-morta sobre mesa azul, de Henri Matisse (1869-1954), considerada como uma reinterpretação de dois clássicos da pintura (a pintura de interiores e a natureza-morta); a figura da princesa Diana, enquanto fenômeno da mídia; e um conjunto de 35 vídeos de educação ambiental, distribuídos em escolas públicas em diferentes regiões do país.

Na reflexão sobre a figura pública de Diana, por exemplo, a autora discute o poder de atração que a princesa tinha sobre a mídia, e o quanto sua aversão à exposição a tornava ainda mais fascinante. Diferentemente de pop-stars como Madonna, para quem a mídia funciona como alimento para a fama, Diana não precisava dela, porque sua condição de princesa se dava independentemente do público. Em linhas gerais, a mídia é quem tinha em Diana um produto de venda garantida.

Na terceira e última parte do livro, que inclui os capítulos 11, 12 e 13, de nível avançado, a investigação se dá sobre a construção das instituições, entendidas como fenômenos de terceiridade; sobre um dos sete pecados capitais (a raiva); e, finalmente, sobre imagens de satélite, que são chamadas de hipersignos. Nesse ponto, a autora chama a atenção para o fato de que os signos se imbricam, de modo que a análise muitas vezes depende de informações de variadas fontes e bancos de dados.

Na análise da raiva, por exemplo, a autora discute as várias acepções desse conceito, que pode ser entendido como emoção natural e instintiva, que aproxima o ser humano dos animais, mas também como valor moral, quando relacionado ao sentimento de justiça. Na sua investigação, ela trata da raiva enquanto reação selvagem e descontrolada, que é o que a transforma em um pecado capital. Para ilustrar esse pecado, ela analisa a narrativa mitológica de Medéia.

O mito de Medéia explica que a sacerdotisa se apaixonou por um forasteiro chamado Jason, fugiu com ele e, para protegê-lo, matou o irmão e enganou o pai. No entanto, após ter vários filhos com o amado, ele a deixou por uma princesa. Medéia, furiosa, matou seus próprios filhos em vingança. Na análise da ação da sacerdotisa, a autora recupera os três tipos de signos: qualissigno, por meio das formas com que se dá a violência (envenenamento, esquartejamento); sinsigno, dada a existência de instâncias particulares de sua disposição para a violência (ela já havia matado o irmão, antes de matar os filhos); e legissigno, que é sua predisposição para seguir suas próprias normas, segundo as quais a vingança era o preço justo da traição.

A obra Semiótica aplicada possui muita relevância na atualidade, em que os signos se multiplicam diariamente e a pesquisa em qualquer área requer conhecimento sobre seus fundamentos. Além disso, a autora não só apresenta a teoria da semiótica peirceana, como também a coloca em funcionamento nas análises, o que facilita a compreensão do leitor. Embora o tema seja complexo, Santaella procura ser didática e trazer mais de um exemplo para ilustrar os conceitos mais fundamentais da investigação semiótica, de modo que ao final do livro o leitor tenha condições de fazer análises de signos nos seus variados contextos.